

CJABEN

23/04/78 por Rui Veiga. *Folhetim No. 66*

(Mairauê, índio kajabi)

Com a sinceridade característica de um índio, Mairauê, da tribo Kajabi, conta nesta página a violenta luta que seu povo vem sustentando para sobreviver. Não a sobrevivência isolada, individual, mas de toda uma cultura, uma tradição, que assumem hoje a importância de preservação da própria identidade, do ser indígena e do seu orgulho. O depoimento foi concedido a Rui Veiga em São Paulo, durante a realização da Semana Nacional do Índio, da qual participou defendendo os interesses de sua causa.

"Meu nome é Mairauê, tribo Kajabi, sou o chefe do posto de Auarun (posto da Funai no Parque do Xingu). Os kajabis vivem no Parque do Xingu há mais ou menos quinze anos. Nossa tribo é da região do Alto Tapajós, a oeste do rio Xingu. Tivemos que sair do nosso local de nascimento, devido às invasões dos brancos. Primeiro os seringueiros, depois os garimpeiros e finalmente as fazendas de gado. Muitas das tribos do Parque estão nas mesmas condições que nós, Kajabi. Os Kraen-akaore depois que foram pacificados na região onde viviam mais ao norte do Parque foram obrigados a virem para a reserva, porque sua terra foi invadida pelos seringueiros e depois pelos grandes fazendeiros da região e pelos seus peões. É muito triste a situação dos Kraen-akaore, a terra deles está toda acabada e a mata onde eles viviam, está nas mãos de grandes projetos de terra. Tudo destruído!

Dentro do Parque estamos com uma melhor sorte do que se estivéssemos fora. A nossa tribo hoje tem umas 280 pessoas e está havendo um nascimento cada vez maior de índios em todo o Parque. Nos últimos dois anos nasceram mais de cem crianças dentro da reserva.

PROBLEMAS DA TERRA E A DEMARCAÇÃO

Nós temos direito a nossa terra e vamos defender nossos direitos com ajuda da Funai ou não. Se nos expulsam do Xingu, nós não temos para onde ir. Todas as terras que antes eram dos povos índios, Kajabi, Xavante, Kraen-akaore estão nas mãos dos brancos. Qualquer invasão que houver, nós vamos comunicar à Funai, mas se ela não fizer nada nós nos defenderemos.

Hoje, existe um trabalho de demarcação e os índios estão muito contentes com isso, parece que a Funai está ajudando um pouco nosso povo. O presidente anterior da Funai, Bandeira de Mello, fez uma demarcação, mas ela saiu errada. Não obedecia os limites, e o problema da água continuava existindo, inclusive na demarcação que ele mandou fazer, as terras estreitavam-se. Índio vê que as coisas estão erradas, quando elas estão erradas e não é preciso branco ou funcionário da Funai para explicar isso para nós. A demarcação que o ex-presidente mandou fazer somente servia aos fazendeiros.

Nessa nova demarcação, já tem gente lá, nós vamos ajudar no que for preciso, porque defende parte dos nossos interesses. Pelos outros interesses vamos continuar brigando.

ÍNDIO E CHEFE DE POSTO

Desde pequeno eu acompanhei Cláudio Villas-Boas. Praticamente fui criado por ele. Com ele aprendi muitas coisas, e a falar o português. Com ele fui aprendendo as coisas da reserva e entendendo o que era ser chefe de posto. Quando ele saía para viajar eu ia para o seu lugar, ficava tomando conta. Um dia ele achou que eu daria certo para ser o chefe e ficar no lugar dele. E agora, eu estou lá...

O que você falou de índio escolher, quem vai ser o chefe do posto ainda não se conseguiu, porque as coisas não foram para esse lado. Por enquanto, índio não escolhe nada. Não tem voz e ainda não entende muitos problemas.

OS KAJABIS E O PARQUE DO XINGU

Os Kajabis não fazem nenhum

comércio com o branco, é proibido ao branco entrar no parque sem permissão da Funai. Nossa produção é só para nós mesmo. Sei que do Xingu não se tira nada para vender. Todas as peças de artesanato dos índios vendidos nos postos da Funai, são dos Karajás, na ilha do Bananal ou dos suyás. Nós ainda não entendemos, porque não podemos vender nada para fora. Eu também acho que nós não saberíamos como fazer, porque nós nunca mexemos com dinheiro e também, não existe nenhum funcionário da Funai de nossa confiança que possa servir de intermediário entre nós e os que vão comprar. Nós não estamos preparador para isso. E se isso acontecer, e toda a tribo tem que concordar e o dinheiro tem que vir para os índios, não como nota, mas como mercadorias, arado, trator e assim ganharíamos a independência. É preciso estudar ainda todas essas coisas e discutir com a tribo, porque outras tribos são sempre roubadas no comércio ou pelos funcionários ou pelos comerciantes.

O problema da independência ainda não está claro para nós. Eu sei que somos tutelados, mais ainda não sei que é emancipação. São coisas que eu não entendo direito e não posso falar, porque não sei nada ainda. E já estão demorando para começar a explicar isso para a gente.

— O CIMI E A RESTRIÇÃO DE ENTRADA NAS ÁREAS DA FUNAI

Eu tive pouco contacto com o Cimi.

Não sei bem o que aconteceu com o trabalho dos padres. Muitas vezes eu sei que eles não concordam com a Funai. Sei que o padre Iasi é totalmente contra a Funai e nós já recebemos uma rádio-circular proibindo ele de entrar na reserva. Não sei porque motivos. Foi uma ordem direta da direção da Funai. Eu não acho certa a ordem.

Eu gostei do que o D. Tomás Balduino falou naquele dia na Semana, mas acho que a Funai e o Cimi devem ficar cada um com a sua posição e trabalharem do jeito que eles acham melhor, e tenho esperança de que assim nós sejamos favorecidos.

— CULTURA, TRADIÇÃO E LINGUA

No Xingu nossa língua, nosso modo de viver tudo está sendo preservado por nós mesmos. Eu nasci no Tapajós, mas lembro pouco de lá. Mudaram algumas coisas, desde que viemos ao Xingu, a festa por exemplo, as pinturas já não são as mesmas. Mas a religião, a língua tudo continua igual, inclusive a plantação.

Quem sentiu muito a mudança foram os mais velhos, que estavam mais acostumados com a vida no Tapajós. Tanto que eles pediram para o diretor do parque, uma viagem de visita a nossa velha região para relembrar o passado e as glórias

da nação Kajabi. Visitar as antigas aldeias. A viagem vai ser agora em julho.

Para nosso povo, o mundo foi criado em vários lugares e o lugar de criação dos kajabi é o Tapajós. Lá é que nós temos nossos lugares sagrados e que não podemos ver desde que fomos transferidos para o Xingu. Eu tenho muito medo dessa viagem, porque vai deixar nossos mais velhos muito triste, porque os túmulos e os lugares sagrados já foram profanados pela pastagem e pelo gado dos fazendeiros. Mas para eles vai servir para mostrar melhor, o que faz o branco na terra. Índio não faz tanto estrago, como o branco com sua pastagem. O branco quando tem pouca terra não estraga, mas o fazendeiro não respeita nada.

— "EU SOU ÍNDIO!"

Eu não perdi o orgulho de ser índio. Eu sou índio! Eu sou Kajabi! Nas festas eu me pinto, danço e corro. Não perdi os costumes. Falo a minha língua, apesar de falar o português. É importante para o meu orgulho de ser kajabi, falar minha língua e conversar com meus irmãos.

Eu não sei o que quer dizer kajabi. Não é uma palavra nossa. Foi um nome que outras tribos da região deram para a gente e que ficou para nós como sendo o nosso nome. Mas ser kajabi para mim é aceitar esta palavra. Isto é ser índio. Viver na mata. Conhecer todos os seus barulhos. É diferente da vida do branco. O índio tem o seu nome ligado ao natural. Eu sou Mairause Kajabi, que quer dizer, Sol Azul Kajabi. Meus irmãos e parentes também tem o mesmo tipo de nome. O homem da cidade vive diferente, é tudo cheio de paredes, tem hora para tudo e não pensa no outro. Nós tratamos nossos índios como irmãos, não só os da nossa tribo, como os de todo o Parque tanto do Norte como os do Sul. Para nós é tudo igual. Antes fazíamos a guerra contra eles, mas hoje entendemos que estamos todos numa situação ruim e que temos que ficar juntos, sermos irmãos. Na cidade tem miséria e fome eu vejo branco pobre e rico, um explora o outro.

ÍNDIOS: CHEFES DE POSTO E A PRESIDÊNCIA DA FUNAI

Existem poucos índios como chefes de postos. A maioria são brancos. Eu acho que deveria cada vez mais deixar para os índios estes cargos, porque a discussão com nossa gente seria mais fácil e poderíamos resolver muitos problemas por nós mesmos. No momento somente existem dois índios chefes de posto, eu e o Mehiarun, dentro do parque.

Podemos pensar num dia em índio como presidente da Funai, mas ainda está longe. Nossa gente não está preparada e a burocracia ainda é um obstáculo na frente do índio.

O que nós devemos fazer é nos unir: todas as tribos — e discutir nossas idéias e o que cada uma aldeia ou tribo está querendo: o problema de defesa da terra, unir contra os grandes grupos de fazendeiros que derrubam a mata e acabam com a caça, garantir a tradição da nossa gente. Somente todos os índios juntos podem lutar melhor e pedir ajuda para os brancos que são nossos amigos. Só que somos nós quem devemos ir dirigindo a luta, pela nossa defesa e nossos direitos".



foto de Cláudia Cellidonio

"ÍNDIO NÃO FAZ TANTO ESTRAGO NA TERRA COMO O BRANCO COM SUAS PASTAGENS. O BRANCO QUANDO TEM POUCA TERRA NÃO ESTRAGA, MAS FAZENDEIRO NÃO RESPEITA NADA."
(MAIRAUÊ)